



AZUL

ANNO I.

Pela Arte

TOMO I.

Redacção

Santa Ritta Junior, Evaristo Pernetta, Nicolau dos Santos,
Adolpho Werneck, Euclides Bandeira e Thiago Peixoto.

Curitiba, 15 de Abril de 1900

„AZUL“

Deliciosa revista de Arte, publicada nesta Capital, sob a redacção de Santa Ritta Junior, Evaristo Pernetta, N. dos Santos, Adolpho Werneck, E. Bandeira e Thiago Peixoto.

O *Azul* traçou linha fidalga e superiormente bella, numa brilhante aclamação de talento.

Foi com intenso prazer, vibrando á recordação das rubras auroras das batalhas feridas, e pelo Sonho e pela Arte, — que vi passar marcial e garbosa, a calvçada brilhante dos novos Templários, — caminho da eterna Jeruzalem da Belleza Immortal. Levavam a esperança no olhar e alleluias na alma. O brial de linho alvissimo destacava-se, ao longe, no esfuminhamento de magnifica tarde de Outono.

— Salve! Cavalleiros, que vos vades impavidos e fortes, em defensão de vossa Dama, em defensão de vossa Crença!

Vão-se per longes terras, combater monstros, romper lanças pela dama pulcherrima — D. ARTE.

Vão-se!... Com que saudade os vejo, que passam — marciaes e garbosos, — para a Jeruzalem do Sonho, para a Jeruzalem do Amor!

Cavalleiros, — da ala dos Namorados, — vão-se, pela sua Dama e pela sua Crença, romper lanças, conquistar laureis!

O *Beauceant* symbolico fluctua!
— Salve!

Ide, valorosos! Levae-o bem longe e bem alto, nas ameias argenteas do Sonho!

*

Como vós, outrora, outros Cruzados se foram, numa guerra sancta, — Templários da Idea, — para a eterna Jeruzalem da Belleza Immortal! Uns se ficaram mortos, em terras de Infeis; voltaram outros, triumphantes, a fronte engrinaldada de louros, a alma cingida num halo fulgentissimo de victoria.

Ei os vi, quando voltavam já, — Magnificos, — flabellando as plumas dos elmos rutilos, calvçando corceis indomitos, numa apotheose!

Palmas estrugiam, estrugiam applausos!

Era a mocidade desse tempo que os acclamava.

Seos nomes? ... — São flammulas de guerra; são hymnarios de luz; são marcos milliares, plantados nas mansões etherificas do ALEM, assignalando sublimes victorias.

Ei os: — Emiliano Pernetta, Domingos Nascimento, Leoncio Correia, E. de Menezes, N. Victor...

Sempre que os vejo passar, — eu, que os applaudi e os acclamei, — saudando-os com amor, — Paladinos que são das primeiras cruzadas.

Santa Ritta Junior

A vez chegon de tomarmos das armas.

E o CENACULO desenrolou o *Beauceant* das batalhas... Eram: Silveira Netto, Julio Pernetta, Antonio Braga...

Amigos! Com que Saudade recordo vossos nomes e relembro vossos feitos!... Eramos bem poucos!... Entretanto, pelejamos trez longos annos, que foram trez seculos!

Austeros celebrantes da Forma, alchimistas da Idea, sobrios e infatigaveis, — eu vos vi deixar os terreões sombrios onde se preparava a Grande Obra, eu vos vi cingir as armaduras de aço, impavidos e serenos, atravessando terras de Infiéis, pelejando e vencendo, tramite das mansões beatificas, em o sidereo paiz da Belleza Immortal.

Amigos! Com que saudade recordo vossos nomes e relembro vossos feitos!...

Ah! com que saudade!

De novo agora o *Beauceant* fluctua!

Eia!

Ao longe, num longinquo phantastico e maravilhoso, scintillam os astros do AZUL.

Ide, valorosos!

As urzes fenecem nos caminhos, quando se fitam intensamente as Constellações do Infinito.

Desenrolastes uma flammula de guerra; levae-a bem longe e bem alto. Vossa missão de luz é magnanima.

— Templarios, recebei nossos applausos.

Coritiba, 20 de Março de 1900.

DARIO VELLOZO.

Um anjo

Vai para o cemiterio, as mãos em cruz
Sobre o gelado peito.

O pae, sosinho, sem chorar, conduz
O pequenino leito.

Rude aldeão que andava á chuva, ao frio,
Elle tinha tambem

Animo forte, espirito sadio
Como bem poucos têm.

Além disso, não era a vez primeira
Que, cheio de conforto,

Elle levava á estancia derradeira
Algum filbinho morto.

A' noite, adoecêra o camponez
E a sua doce amiga

Perguntou-lhe o que tinha: — „Pois não vês?
Sinto grande fadiga...

O caixãosinho que eu levei ao hombro
De tarde, á luz tão doce do arrebol,

Pesava mais — disse elle com assombro —
Que vinte enxadas moirejando ao sol!..“

Ricardo de Lemos.

Tempestade

A Heitor Lobo



Ante os meos olhos pavidos desfila
Funambulescamente o bando irado
De abantesmas crueis; a negra fila
Que faz-me tiritar horrorisado!

Noite cruel! Noite infernal! Sibila
E guincha o vento como exasperado
Jaguar ferido, e, rija tamborila
A chuva copiosa no telhado...

Tento embalde dormir... Em vão me enterro
No leito fundo e revoltado e cerro
Os olhos cheios de pavor... Em vão

Evito ouvir a rispida rajada
Do vento frio, a fria gargalhada
Que me traspassa e gela o coração...

ADOLPHO WERNECK.

Estrellas de lucto

A Hippolyto Pereira

* * *

Bohemios sonhadores! parae e
ouvi, porque é a saudade que
vos falla...

Outr'ora, como vos outros agora,
ó trovadores medievos, eu andei
sob esse claro céu constellado de
estrellas que engrinaldam a lua
nóva e sob balcões romanticos —
libertino feliz — á cantar trovas
ciganas, ao som da guitarrilha,
loiro, envolto no manto lantejou-
lado de luares côr de opala.

Branças acacias coroadas dos
caminhos brancos de areia: como
eu ameia a vossa sombra tranquilla!

Amando vestaes enamoradas,
mulheres esculpturaes como as
do Hârem, repousava fatigado e
feliz, ah! tao feliz sonhando, de-
baixo dos vossos ramos tremulos,
das vossas flores frescas da orva-
lhada e do hymnario festivo dos
vossos ninhos balouçantes. Ninhos
e lyrios, rosas e estrellas, more-
nas moças palradoras, tudo em
flôr, floria no meo sonho... ah!
como recordo-me ainda... e com
que saudade me recordo... En-
tre verdes cannaviaes bravios,

oujas, telhas finas cruzavam-se no ether, onde as manduugas resplandeciam, pastores bebiam em cantaros antigos, a água espumante que cascateava fremente do alto florido dos serros anilados.

Pegureiros seguiam sorrindo pelas descampadas em sol e em flor, pastoreando o gado — mancha rubra sobre a esmeralda das alcantifas. —

Pegureiros repousavam docemente a sombra fresca das palmeiras baloucantes.

Eu vos seguia também trovadores felizes... mas parei na estrada a olhar a Dama do meu sonho... a Dama de olhos negros...

Era tão bella... Ah! como era bella...

Fostes seguindo bohemios ditosos e desapareceste na folhagem em curva do caminho agreste, sob a paz serena das estrellas de Primavera e eu fiquei parado na estrada a olhar aquelles olhos negros, aquelles negros abysmos coroados de sol e de luas.

Eram tão lindos... Ah! eram tão lindos!...

Quando á madrugada, em explosão forte de oiro e rosa, pulverisava aquelle cabello negro, eu tentei abandonar aquelles braços brancos, abandonar aquelle collo — neve e rosa — e seguiros meos companheiros... Ah! mas os braços me prenderam tanto... tanto...

Hoje já não vos posso seguir o alado bando, peregrinos da esperança...

A flor sideral da minha vida, a minha branca Dama enamorada, galgou a escadaria rútila dos astros, toda de negro como a cor dos seus olhos... toda de negro como a Primavera que ora envolve a minha alma...

O' minha — Flôr da Morte —

como era bella... eu soluçei por ella.

Não ouvis?! é a saudade que soluça, é o sarcasmo que gargalha.

Como um cadaver de afogado, surge a nostalgia boiando indifferente e fria, no pelago crespo d'esta magoa negra.

Esmagado nas mãos dos homens, nas lamas das ruas a pontas sangrentas de punhaes, eu vejo rolando o meu primeiro sonho...

Hoje, bohemios ditosos, eu não vos posso mais seguir o alado bando... Não vos posso mais seguir... Cantaes no templo da alegria e eu soluço por Ella, na cathedral da morte.

O' crepusculos da Primavera, que é feito da minha Dama? que é feito da minha guitarrilha?

Eu vos contemplo de longe ah! mas de tão infinitamente longe, como um exilado cruel do passado, que canta madrigaes e requiens, no fundo da minha alma.

Olhos extinctos! ó negros passaros ageirentos, no entanto eu ainda sinto que vós vos debateis afflictamente, nervosamente, recortando o Azul da minha alma, ó Estrellas de lucto! O' olhos extinctos,

Como no fundo trevosos de uma gruta lóbrega, onde a luz não penetra, no sacrario do meu coração. Olhae, o Iris da esperança não resplandece e a guitarrilha não suspira mais...

O' minha Dama! O' minha Dama!

SANTA RITTA JUNIOR.



Sonhos de Inverno

I

Loura manhan d'ouro e opala!
Ha tanta flor no meu Jardim!
Lyrios azues em minha sala,
Um cravo branco, outro carmin...

— Outomno em flor! vamos partir
Voando alegres como abelhas...
Vejo um lyrial lá no Porvir
E as nossas flores são tão velhas...

II

O sol de Maio vem nascendo!
Vamos correr pela campina...
— Olhae! O orvalho está tremendo
Naquella petala de bonina!

Lá no horisonte a minha Santa,
A Deusa calma da Esperança,
Alegre, em festa, como canta!...
Como esta vista agora alcança!...

III

Ora! A jornada foi perdida...
Já entrou o sol, não temos lua.
Que estrada é esta tão comprida?
— Que sombra é aquella que fluctua?

Coritiba, 1900.

IV

No campo o Norte é muito frio,
Vamos ficar nesta floresta.
Vêde quem passa alli. Psio! psio!...
— Uma Senhora! — Vae a festa.

A! festa! á festa! que delicia!
Vamos seguil-a... Quem será?
Para!... Quem é? — Dona Felicia,
Minha Rainha de Sabá! —

Que Fortuna! Minha Esperança...
Como Ella vence o seu caminho!
Como Ella corre e não se cança
E nesta estrada ha tanto espinho!

V

Dona Felicia, Dona Ingrata,
Passou, perdeu-se pelo ar...
— Lá vem a lua cor de prata!
Vamos voltar, vamos voltar...

VI

Ai! vem a Neve em grande gala!
(Flores não ha no meu Jardim.)
Oh! quanta Dor na minha sala...
Nem um amor, nem um jasmim!

Generoso Borges.

Idyllio Macabro

Eu ia em meio do meu idyllio
Mais branco e puro do que a luz...
Menos suave que os de Virgilio;
Mas de repente... (diabo! cruz!)

Entrou um Azar, vago, risonho,
Achou a luz tão bella e záz!
Apaga a luz que era o meu sonho,
Fiquei no escuro... Satanaz!

Ah! Guiomar! ah Guiomar!
Porque te fui assim amar?
Entrou um Azar, vago, risonho,
Apaga a luz que era o meu sonho!

Evartito Pernetta.

Atrabilis

As Perlas do Silen

Perto, ali em baixo, quasi a beijar-lhe os pés, bajuladoramente n'um desplante cynico de aulico, murmurinhava o largo mar terrivel, servil e blandicioso agora, a ondear ondeante, a ondular preguiçosamente, — anêmonas e nenúphares a balouçar, feliz, — estirando-se na areia com alquebramentos languidos de sultão vadio dormindo a sêsta — turbante a rolar por terra, fronte cahida no alvo regaço da favorita e lubrica odalisca. Vinha de manso, subtilmente, a smorzar em surdina a dolencia emocionadora e vaga de singellas canções bohemias — threnos saudosos de erradios zingaros — galgando a praia, desdobrando-se, alargando-se, fazendo-se plano, inteiramente plano.

Nenhuma onda ou vagalhão tardio arripiava-lhe a superficie de esmeralda-azul cambiante que o sol nascente espalmando, lá muito além, a loura ventarola astral de luz, illuminava, esmaltando-a de um chamalote bizarramente magico.

Calmo e deserto.

Apenas longe, muito ao longe, mal disinctas e brumesas, velas ao vento, velejando, brancas velas, bujarronas himpadas e vencedoras, a singlar, buscando novas plagas, singrando a buscar outros signos ignorados... D'ali, do cabeço da esguia fraga, coberta de salsugem e de algas, escolhida para sua rocha Tarpeia, era tudo o que elle descortinava correndo a vista pelo horisente todo.

Ab! mas ante tamanha bonança, ante aquella placidez solemne, elle sentia no intimo, envenenando-o, a bilis verde-nêgia extravasar, ramificar-se pelo corpo

inteiro, enraivecendo-o, sacudindo-o, fazendo-o amaldiçoar o velho mar indomito que, justamente n'aquella manhã preferida para o seo exilio da Vida, apresentava-se-lhe inoffensivo e bom quando elle queria-o enfurecido e máo — juba erigida, cravando as prezas felinas nos arrecifes tombados ás margens, indifferentes e quedos, como extensa fila de crocodilos hypnotisados...

Não! não seria n'aquelle lago tranquillo, que tinha a cordura innata das ovelhas mansas, como os lagos azues das balhadilhas da Irlanda, que elle iria dormir o derradeiro somno. Não! Teria uma morte deliciosa e o seo cadaver depois passearia, fluctuando por sobre as ondas como si andasse suspenso á um pallio de espumas e elle queria agoniar lutando com os vagalhões uivantes até ser despedaçado de encontro as penedias rudes — em estilhas o coração magoado, bipartido o craneo de sonhador... Era esse todo seo desejo, expellir derradeiro hausto de vida lutando a semelhança de heroes impavidos succumbindo ao fragor da ultima batalha, porque sabia-se, não enganava-o sua idiosyncrasia, moldado para todos os embates, talhado, talvez, para gladiador — frente a frente de hyenas n'uma justa de morte — por isso queria combater até as Vascas Supremas!

Em toda sua perinigração pela terra tinha sido esse o seo fauário e se agora — cavalleiro antigo despindo a armadura de aço — pedia refugio ao seio mysterioso das aguas era porque estava ennauseado do convivio dos homens, farto de ver tantas humilhações e tanto aviltamento. Morreria, sim, não n'uma alvorada como aquella tão dolentadora e placida, tão outonal e clara, mas n'um dia em que o mar estivesse batido por todos os ventos e o

ceo fosse de chumbo zebrado de zigzagues de fogo.

Ah! mas, quem sabe!... Talvez tivesse razão o taciturno Oceano!... Quem vinha do paul de todas as misérias — do Mundo — quem abandonava esse conto de vilanias e torpezas, devia, para ter um funeral condigno — me-

recida apothecose a uma existência passada n'um marnel de podridões — sepultar-se ali, n'aquelle mar chão, n'uma hora assim, de plena calmaria podre....

Ah!... Talvez tivesse razão o velho Oceano!

Euclides Bandeira.

Velha historia

a J. Leite

*As derradeiras folhas tombam... frio
Soluça o vento... Quem responderá?!
R. CORREA.*

„Ninguém!“

— murmura — e rapido saltando
do fogoso corsel, ganha o jardim...
Nas guaritas ninguém! E contornando
o fosso, alegre sóbe ao varandim!

Noite velha! porem alguém velando,
vê com pavôr um vulto vir assim...
Quem será? de subito alarmando
o castello do conde Villarim.

Das ogivas pendiam n'outro dia
crepe, lucto, fugio toda a alegria...
Jamais se vio a dona do solar...

Apenas se fallava pela aldeia,
que encontraram em noite escura e feia,
um cavallo sem dono a galopar...

Thiago Peixoto.

Nomeadas universaes

(Chateaubriand)

Conclusão

É muito bom, muito util aprender, estudar, lêr as lingoas vivas, quando a gente se consagra as lettras: muito perigoso falal-as e, sobretudo, muito perigoso escrevel-as.

Assim, não mais se exaltarão esses colossos de gloria, cuja grandeza as nações e os seculos igualmente reconhecem. Em Viena, em Petersburgo, em Berlim, em Londres, em Lisboa, em Madrid, em Roma, em Paris — não se fará jámais, de um poeta allemão, inglez, portuguez, hespanhol, italiano, francez, a idéa una e analoga que ahí se forma de Virgilio e de Homero. Nós, grandes homens, contamos encher o mundo com o nosso renome; todavia, nem elle conseguirá quasi transpor o limite em que expira a nossa lingua. Não passaria, acaso, o tempo das dominações supremas? Não se acabaram, porventura, as aristocracias?...

Outra causa actúa sobre a ruina das reputações: a liberdade, o espirito nivelador e incréo, o odio ás superioridades, a anarchia das idéas, a democracia, emfim, invadio a litteratura, como, aliás, o resto da sociedade. Não mais se reconhecem mestres e autoridades: não se admittem mais regras; não se aceitam mais opiniões formadas; é recebido no Parnaso o livre exame da mesma sorte que em politica e em religião, como consequencia do progresso do seculo. Cada qual

julga, e arroga-se o direito de julgar, conforme suas luzes, seu gosto, seu systema, seu odio, ou seu amor. D'ahi uma turba de immortaes, encerrados no circulo de sua escola e de seus amigos, e que são desconhecidos ou asovados no visinho districto.

Tal é a natureza humana, particularmente em França: se possuímos alguns talentos, apressamo-nos a deprecial-os. Após havel-os exaltado ao pinaculo, fazemol-os rolar pela lama.

Hoje tudo envelhece em algumas horas: marcesce uma reputação, em um momento passa uma obra.

Na epoca em que vivemos, cada lustro vale um seculo; a sociedade morre e se renova todos os dez annos.

Adeos, pois, toda a diuturna gloria *universalmente* reconhecida. Quem escreve na expectativa de um nome sacrifica a vida á mais tola como á mais van das chimeras.

Aristides França.



AZUL, a régia prosa tersa que fulgura, lá mais para a frente, trasladamos do CLUB CORITIBANO, (nr. 3 deste anno) a conhecida revista dirigida pelo laureado Artista Dario Vellozo.

„PAGINA“ exquesita essa, lavorada por espiritos de élite, que vem de apparecer em Florianopolis.

Ao bizarro collega, saudações.

Expediente.

O AZUL será publicado quinzenalmente.

ASSIGNATURA:

2 mil rs. por trimestre.

REDAÇÃO:

PRAÇA DA REPUBLICA N. 4

„Typ. Der Beobachter“
Travessa da Proclamação Nr. 5,
CURITIBA.